

## “Bicha pre-tra-tra-tra-tra”: o envidescimento artista de Pabullo Vittar e Linn da Quebrada

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA-3. ETNOMUSICOLOGIA

*Caio Felipe G. Mourão*  
INET-md/FCSH-UNL/FCT  
[caiomourao@fcsu.unl.pt](mailto:caiomourao@fcsu.unl.pt)

**Resumo.** Apesar de artistas LGBTQ+, negras, integrantes da ciber-cultura-remix e criadas na periferia das grandes cidades brasileiras, as cantoras Pabullo Vittar e Linn da Quebrada atingiram uma grande projeção mercadológica, inclusive internacional, através da sua parceria com o *mainstream*. Nessa comunicação, tentarei compreender que outros fatores contribuíram para o sucesso dessas artistas e se elas conseguiram manter as suas convicções éticas, mesmo se relacionado com o mercado. Para isso, realizei um estudo comparativo de ambas as carreiras, encontrando oito aspectos comuns que parecem ter contribuído para o seu sucesso. Percebi que Vittar pareceu satisfeito com essa parceria, queixando-se pouco dela. Entretanto, Linn apresentou sofrimento com esse relacionamento, chegando a suspender as atividades profissionais devido a uma depressão.

**Palavras-chave.** Terrorismo-de-Gênero, Ciber-cultura-remix, Drag.

“Bicha pre-tra-tra-tra-tra”: the Artist “Envidescimento” of Pabullo Vittar and Linn da Quebrada

**Abstract.** Despite being LGBTQ+ artists, black, members of cyber-culture-remix and raised on the ghettos of large Brazilian cities, singers Pabullo Vittar and Linn da Quebrada achieved great marketing projection, including internationally, through their partnership with the mainstream. In this article, I will try to understand what other factors contributed to the success of these artists and whether they managed to maintain their ethical convictions, even when related to the music market. To this end, I carried out a comparative study of both careers, finding eight common aspects that seem to have contributed to their success. I noticed that Vittar seemed satisfied with this partnership, complaining a little about it. However, Linn suffered from this relationship, even suspending her professional activities due to depression.

**Keywords.** Gender-Terrorism, Ciber-culture-remix, Drag.

### Introdução

As cantoras Pabullo Vittar e Linn da Quebrada, personagens de Phabullo Rodrigues da Silva e Lina Pereira dos Santos, iniciaram suas produções musicais de forma independente, a partir da apropriação e da colagem de materiais sonoros digitais pertencentes a outras

artistas<sup>1</sup>, o que o estudioso em comunicação André Lemos chama de “ciber-cultura-remix” (LE MOS, 2005, p.1). Algumas defensoras dessa cultura acreditam que ela transferiu o poder da indústria e do mercado da música para as artistas, na medida em que, com a difusão e o barateamento da tecnologia, estas passaram a produzir e a lançar seus produtos diretamente para o público. Contudo, veremos que essa independência era apenas aparente, pois, caso as artistas desejassem propagandear em larga escala o seu trabalho, teriam de recorrer às grandes companhias de distribuição e propaganda, exatamente o que foi feito por Pablo e Linn. Entretanto, além de artistas, elas eram ativistas das causas LGBT+, negras e sócio-econômicas, utilizando a sua arte como veículo de protesto, o que o sociólogo Miguel Chaia chama de “ativismo” (CHAIA, 2007).

Assim, partindo do pressuposto de que o engajamento político das artistas e as produções independentes da ciber-cultura-remix tendem a afastar suas integrantes do relacionamento com a indústria e o mercado da música, e de que é pouco provável alcançar-se uma grande projeção mercadológica sem esse relacionamento, a pergunta central dessa comunicação é: quais as estratégias usadas por Pablo Vittar e Linn da Quebrada para tentarem obter o sucesso e ao mesmo tempo manterem as suas convicções pessoais? Através do estudo comparativo da carreira dessas artistas, encontrei oito aspectos que parecem ter contribuído para o seu sucesso: resiliência, transgressão, respeito à tradição, simpatia, propaganda, validação, foco no público e ativismo. Contudo, apesar de ambas celebrarem as conquistas materiais adquiridas pela parceria com o *mainstream*, apenas Vittar demonstrou pouco desconforto emocional com esse relacionamento. Lina, contrariamente, pareceu não conseguir nem separar a atriz da personagem, nem balancear sua proposta ética com a projeção da sua carreira, o que lhe causou sofrimento, inclusive através duma forte depressão.

## O fenômeno comercial da *drag* Pablo Vittar

Em números absolutos, Pablo Vittar, além de se tornar – com “Todo dia”, parceria com o rapper paulista Rico Dalasam, compositor da música – a *drag queen* com mais visualizações em um clipe original no YouTube, posição anteriormente ocupada por RuPaul, com o clipe “Sissy that walk”, também transformou-se, em junho de 2017, na

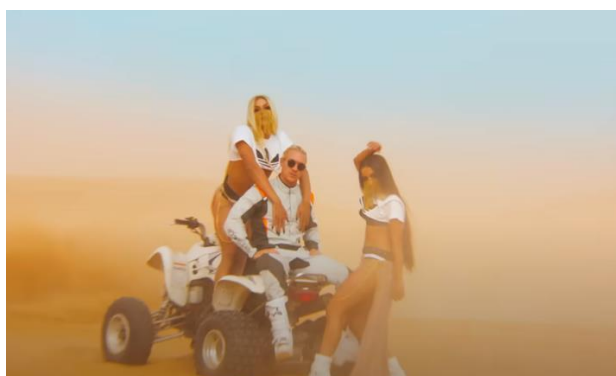
---

<sup>1</sup> Neste artigo utilizarei o genérico feminino, tanto para designar conjuntos onde essas pessoas façam parte quanto para referir-me a um grupo indefinido de pessoas, como por exemplo “as artistas”, “as cantoras” etc. Faço isso performativamente, na tentativa de compensar o machismo histórico da língua portuguesa. Para a filósofa Judith Butler, a “performatividade” consiste numa: “prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2019).

*drag* mais seguida do Instagram. Registramos ainda a participação da cantora na edição de 2017 do Rock in Rio. Além de um *pocket show* em um dos *stands* do festival, tornou-se a primeira *drag queen* a subir no Palco Mundo, principal do evento, ao fazer uma participação especial no show da cantora Fergie. (ROCHA e POSTINGUEL, 2017, p.2)

Pablo Vittar, a *drag-queen* de Phabullo Rodrigues da Silva, foi nascendo aos poucos, desde a sua adolescência, quando se “montava” profissionalmente em *drag* em casas noturnas de Uberlândia, Brasil. Inicialmente, usava o nome Pablo Knowles, em homenagem à cantora Beyoncé, mas resolveu alterá-lo, temendo alguma represália judicial. Auto-identificado como um homem-cis-gay, mesmo relacionando-se com pessoas de diversas sexualidades, diz não se importar com o gênero que o chamam. Contudo, prefere que sua *drag* seja tratada pelo feminino (TORRES, 2017). A resiliência é o primeiro aspecto que pode ter contribuído para o sucesso de Vittar. Mesmo tendo sofrido *bullying* na infância, por ser um menino gay, de voz fina e gestos delicados, ele parece ter superado isso, não se importando com o seu pronome de tratamento (GSHOW, 2018). Vittar iniciou a sua carreira fazendo versões de canções. Em 2015 ela lança *Open Bar*, versão de *Lean On*, do grupo Major Lazer, que logo alcança mais de um milhão de visualizações. No seu EP de lançamento, há outras versões que também viraram clipe, foram publicadas, mas removidas posteriormente pelos detentores dos direitos autorais (AVELINO, 2020). *Open Bar* foi a única versão autorizada. A canção *Todo Dia*, de Rico Dalasam, *hit* do carnaval de 2017, também foi retirada das plataformas digitais devido a uma ação extra-judicial de Dalasam contra Pablo (ROLLINGSTONE, 2017).

**Figura 1 – Pablo, Major Lazer e Annita**



Fonte: Captura de tela do vídeo-clipe Sua Cara. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=omzk3kIly0E>

A transgressão foi o segundo aspecto positivo para a projeção da carreira de Vittar. Esta acontece, segundo o sociólogo Chirs Jenks, quando se excede emicamente limites e fronteiras, o que é diferente da subversão, que consiste em sua negação ética (JENKS, 2003, p.7). Ao contrário da prática do *mainstream* de esperar o resultado dos pedidos de autorização para gravar, Pablllo Vittar fez o caminho inverso: lançou as canções e os vídeo-clipes e esperou a reação dos proprietários. Além disso, esses vídeos foram construídos a partir de produções já consagradas, através da bricolagem e da re-mixagem tão comuns à cultura *pop*. A essa nova configuração cultural do entretenimento André Lemos chama “ciber-cultura-remix” (LEMONS, 2005, p.1). Normalmente tais vídeos têm um baixo custo de produção, o que é possível devido à popularização do acesso a ferramentas digitais de áudio e vídeo, antes pertencentes apenas aos grandes estúdios. Muitas defensoras da ciber-cultura-remix acreditam que, além da produção, a distribuição através das plataformas digitais também pode ser feita diretamente pela artista ou sua produtora, sem a intermediação das grandes companhias. Entretanto, essa independência das artistas é apenas aparente, pois, caso desejem divulgar o seu trabalho em larga escala, ainda precisam aliar-se às companhias de distribuição e propaganda, como veremos adiante.

**Figura 2 – Lucas Lucco e Pablllo Vittar**



Fonte: Captura de tela do clipe *Paraíso*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qtTM2YV3bI8>

**Figura 3 – Majur, Vittar e Emicida**



Fonte: Captura de tela do clipe *Amarelo*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

Pablllo também transgride os papéis masculinos e femininos explorados em gêneros musicais tradicionais, como a música-sertaneja e o *rap*. Em *Paraíso*, do cantor sertanejo e

símbolo sexual Lucas Lucco, Vittar interage sensualmente com ele, desconstruindo o mito do “machão-rural” que só se relaciona com mulheres-cis. No clipe *Amarelo*, de Emicida, Pablllo e a cantora-trans-indígena Majur dão *camp*<sup>2</sup> ao *rap*, gênero musical tradicionalmente sexista e heteronormativo.

O terceiro elemento positivo para o sucesso de Vittar é o respeito à tradição. Apesar de parecer contraditório, esse respeito revela-se pela reverência explícita de Pablllo a todas as artistas consagradas que a antecederam, independentemente de suas convicções pessoais. Sobre a *drag* RuPaul, que a inspirou a montar-se pela primeira vez, ela disse: “todas as *drags* desse mundo têm que agradecer a RuPaul pela visibilidade que temos hoje” (FINCO, 2017). Em relação às divas da música *pop*, ela cita Beyoncé – cujo sobrenome foi adotado por Pablllo no início da carreira –, Rihanna, Mylla Karvalho e Anitta, com quem dividiu o protagonismo do clipe *Sua Cara*, produzido pelo grupo Major Lazer. Além disso, Pablllo participou em *singles* e vídeo-clipes de outras artistas do *mainstream* nacional e internacional, como Luísa Sonza (*Modo Turbo*), Jerrey Smith (*Clima Quente*), Emicida (*Amarelo*), Lucas Lucco (*Paraíso*), Major Lazer/Anitta (*Sua Cara*) e Charli XCX (*I Got It*). Na condição de convidada de artistas que performam gêneros musicais patriarcais, sexistas e heteronormativos, como a música-sertaneja e o *rap*, Vittar nunca fez qualquer tipo de ofensa pública a seus valores e crenças, muito menos questionou a sua qualidade musical e poética. Entretanto, tamanha “obediência” ao mercado teve o seu lado negativo: Pablllo Vittar foi acusada, por parte da comunidade LGBTQ+, de “vender-se” ao *showbiz* (Quem, 2023).

A propaganda é o quinto fator de destaque de Pablllo. Seus primeiros vídeo-clipes foram versões de *hits* internacionais, aproveitando-se da sua popularidade. Devido ao sucesso de *Open Bar*, no mesmo ano de seu lançamento ela é convidada a integrar a banda do programa *Amor & Sexo*, da rede Globo, onde atuou por dois anos. Era o início duma intensa carreira televisiva, em que participou de novelas, filmes, séries e programas de auditório, inclusivamente como apresentadora. Um ponto favorável da ciber-cultura-remix é a utilização de ferramentas do *mainstream*, como o uso massivo das redes sociais, para a divulgação de trabalhos independentes. Vittar chegou a ensinar a lógica das plataformas digitais a suas fãs, na divulgação dos seus *singles* (TIDAL, n.d.). Entretanto, reconhece a importância em ter-se cautela com o manuseio das tecnologias, especialmente das redes sociais, para conservar-se emocionalmente saudável (Liu, 2023).

---

<sup>2</sup> De acordo com a escritora Susan Sontag: “De fato, a essência do *camp* é seu amor pelo não-natural: pelo artificial e o exagerado” (SONTAG, 2018). Livre tradução do autor.

O sexto e o sétimo fatores que alavancaram a carreira de Vittar foram a validação do seu trabalho e o foco no público, composto tanto por consumidores quanto por críticos e pares. O menino Phabullo Rodrigues da Silva já frequentava aulas de balé clássico e *jazz*, no Pará (ANDERSON, 2019). Na adolescência, muda-se com a família para o Maranhão, onde começa a cantar em festas e no coral duma igreja evangélica. Aos dezoito anos de idade, muda-se para Minas Gerais, onde começa uma graduação em *Design* de Interiores, mas que abandona, devido à sua crescente agenda de shows. Em 2011, começa a publicar performances *covers* em seu canal do YouTube, ainda com o nome Pablllo Knowles.

Em 2015, conhece Rodrigo Gorky, produtor do seu primeiro *hit*, *Open Bar*, e da maioria das canções do seu primeiro álbum, *Vai Passar Mal*, de 2017. Este produtor conseguiu explorar as raízes paraenses de Pablllo, mesclando gêneros musicais como o techno-brega, o axé, a swingueira e o *pop*-eletrônico, o que parece ter agradado o público e a crítica. A sensualidade do seu corpo e das suas coreografias foi conscientemente explorada. Sua androginia era acentuada por sua voz no registro contra-tenor, cuja técnica foi elogiada por muitos especialistas (PEIXOTO, 2018). Além da sua competência na música e na dança, o seu número de fãs também foi responsável por sua frenética agenda de compromissos, dentro e fora dos palcos, o que mostra que, em certas condições, a aliança com o *mainstream* pode ser lucrativa para as artistas. O oitavo e último aspecto para o sucesso de Pablllo Vittar foi o seu ativismo-LGBT+ e “negro”, traduzido no que o artista Jota Mombaça chama de “corpo-política” (MORAIS, 2018). Vittar fazia questão de pronunciar-se em defesa das pessoas LGBT+, especialmente as pertencentes ao povo-preto (EIRAS, 2018). Ela mencionava, ainda, a dificuldade em ser uma artista LGBT+, cujo marcador identitário tornava necessário a constante comprovação da qualidade do seu trabalho.

## **Enviadescendo: a bixa-preta-travesty Linn da Quebrada**

Linn é conhecida por utilizar o vocabulário “pajubá”<sup>3</sup> em suas canções, por alterar a escrita de várias palavras e por seus neologismos artistas, como “enviadescer”. Esse é o título do primeiro *single* da artista, sendo a junção de duas expressões: “tornar-se viado ou viada” e “descer até o chão”, ou seja, é o ativismo de uma bixa que se utiliza da dança sensual como ferramenta de protesto. Bem mais modesto que *Open Bar*, de Pablllo Vittar, o primeiro lançamento de Linn, em 2016, alcançou apenas 74.673 visualizações. Ainda no

---

<sup>3</sup> O dialeto pajubá, de acordo com o jornalista Guilherme Eler, tem origem iorubá e nagô, tendo sido criado durante a ditadura brasileira para que as pessoas LGBT+ pudessem conversar sem sofrerem represálias (ELER, 2018).

mesmo ano, ela lança *Talento*, *Bixa Preta* e *Mulher*, que obtiveram, respectivamente, 243 mil, 1,187 milhões e 728 mil visualizações.

**Figura 4 – Imagem estática do clipe *Bixa Preta***



Fonte: Captura de tela do vídeo-clipe *Bixa Preta*. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>

O clipe *Bixa Preta* consiste numa foto de perfil, em plano de peito, de MC Linn da Quebrada – na época ela adotava esse nome –, usando dois colares dourados: um com uma medalha com uma folha de maconha e o outro em formato de metralhadora. Suas unhas e seus dentes superiores também têm essa cor. É uma imagem comum às artistas de *funk*-carioca, principalmente homens, pois simboliza a ostentação material, mostrada pelo “ouro”; a diversão e o poder, ilustradas, respectivamente, pela folha de maconha e a metralhadora. Esse gênero musical está muito vinculado à criminalidade das periferias das grandes cidades brasileiras. Sua letra descreve a conversa duma “bixa-preta” da favela com um *boy* anônimo, numa linguagem coloquial, típica dessas culturas. Em certo trecho, ele diz: “Ques bicha estranha, ensandecida/Arrombada, pervertida/ Elas tomba, fecha, causa/ Elas é muita lacração”. Ao que ela responde: “Mas daqui eu não tô te ouvindo, boy/ Eu vou descer até o chão, o chão, chão/O chão, chão, chão, chão/ Bicha pre-, tra, tra, tra, tra”. A última palavra é uma onomatopeia que faz lembrar o som da rajada duma metralhadora. Contudo, ao invés duma rajada de balas, ela revida com uma rajada de “raba”. A reação da bixa, por meio do seu enfiadescimento, é o que Linn chama de “terrorismo-de-gênero” (ROCHA e RESENDE, 2021, p.116).

Lina Pereira se define como uma pessoa essencialmente “trans”, cujo sentido dessa palavra vai além da transgressão de gênero, significando, também, uma pessoa sempre em “trânsito”, em “movimento”. Lino Pereira dos Santos nasceu na periferia de São Paulo e foi criado por uma tia no interior do estado. Influenciado por ela, cresceu frequentando cultos duma igreja evangélica, o que dificultou sua “saída do armário”. Aos dezessete anos, monta-

se a primeira vez em *drag*, de nome Lina, e percebe que se identifica mais com a feminilidade do que com a masculinidade, apesar de todo o preconceito que os homens-gays-afeminados sofriam dentro do próprio meio LGBTQ+, como narra o jornalista, ativista e homem-gay Pedro HMC (HMC, 2016, p.37). Muda-se para a capital de São Paulo, vivendo da dança, que pratica desde a infância. Sentindo falta de expressar-se também pela voz, migra para o teatro, cujos primeiros contatos também se deram na infância. Através desta manifestação artística, acontecem dois importantes encontros: primeiro, com a sua identidade travesti. A partir de então ela define-se como Lina – inclusivamente alterando o seu registro civil para Lina Pereira dos Santos –, gostando de ser tratada no feminino. Em segundo lugar, com a música, modalidade artística onde também passa a expressar-se.

MC Linn da Quebrada, personagem de Lina Pereira, adentrou o mundo da música através das rimas do *rap*. Entretanto, após o lançamento de *Bixa Preta*, ela abandona a designação MC, por identificar-se mais com o *funk-carioca*<sup>4</sup>, principalmente devido à sua forte erotização. Apesar disso, ela procura não rotular a sua música, considerando-a caótica e fluida (MARIE, 2022). Independentemente do gênero, o seu “terrorismo” musical tem ganhado cada dia mais “territórios”. Em 2017, ela lança seu primeiro álbum, *Pajubá*, através duma campanha de *crowdfunding* que lhe rende um convite para o programa *Amor & Sexo* – que contava com Pablllo Vittar na banda de apoio. No mesmo ano, ela inicia sua carreira cinematográfica<sup>5</sup>. O lançamento do seu segundo álbum, *Trava Línguas* (2021), rende-lhe a capa da revista *Vogue*, ao lado da cantora-trans Liniker. Além disso, Linn participou das edições de 2019 e 2022 do Rock in Rio Brasil. Contudo, analisando a sua carreira, nota-se que Lina Pereira dos Santos era, sobretudo, uma atriz – ou “atroz”, como gostava de identificar-se – que utilizava a dança e a música como ferramentas complementares à encenação (RODRIGUES, 2021). Foram nos tabladados que ela descobriu a sua voz, primeiramente através da fala, e depois dum canto falado, uma “levada”, como diz-se no jargão do *rap*. Cada canção dos seus shows, devidamente coreografados e encenados, fazia parte duma obra roteirizada. Era um ativismo de conteúdo denso e profundo, até violento, mas transmitido de forma profissional e prazerosa, inclusive na erotização.

Uma possível explicação para o sucesso da carreira de Linn pode ser dada pelo sistema dos “oito aspectos”, utilizado anteriormente com Pablllo Vittar. 1) Resiliência. “Nós travestis não podemos nos dar o luxo de sentir medo. Senão, não sairíamos de casa”, é uma das frases preferidas de Lina, e mostra como bixas-pretas-travestys correm risco de vida,

---

<sup>4</sup> Apesar da sigla MC ter-se originado no *rap*, muitas artistas de *funk-carioca* também a utilizam.

<sup>5</sup> Para uma lista de filmes e programas de TV interpretados por Lina, ver Adorocinema (n.d.).



diariamente, no Brasil (RIZZO, 2019). Nascida e criada como homem, filha duma pessoa que prestava serviços domésticos e sobrinha duma mulher evangélica (da igreja conservadora Testemunha de Jeová), ela conviveu com a privação desde cedo. Primeiramente a escassez material, inerente a toda criança-preta e pobre do Brasil. Em segundo lugar, o impedimento de assumir a sua sexualidade-gay devido ao preconceito familiar e religioso. Em terceiro lugar, mesmo entre os homens-gays, sofreu discriminação por ser afeminado, assumindo-se como travesti apenas na idade adulta. Por ser pobre, precisou trabalhar desde a adolescência. Foi com o FGTS do emprego num salão de beleza que ela muda-se novamente para a capital paulista e resolve viver da dança. Um tempo depois, retorna ao teatro, tanto por questões materiais quanto de expressão. Nesse período, trabalha como atriz e professora de teatro, desenvolvendo projetos junto a comunidades carentes de São Paulo, permeadas de *rap*, *funk*-carioca, pagode e música-sertaneja. A sua ânsia por cantar chega nesse “caldeirão musical”, primeiramente com o *rap* e, logo em seguida, com o *funk*-carioca. Ela lança alguns *singles* e faz uma série de shows pelo Brasil. Paralelamente, trabalha como atriz, pois a música ainda não é suficiente para mantê-la materialmente. E é como atriz que Lina mais se projeta, pelo menos no volume de trabalhos. A necessidade material de Lina Pereira, somada à sua condição de pessoa-negra e não-hétero, muito provavelmente desenvolveu-lhe uma forte resiliência, permitindo-lhe atuar em “indústrias” do entretenimento, como a Rede Globo e o Rock in Rio.

2) Transgressão. Nascida Lino, logo sente-se e “vira” Lina. Inicialmente, só em ocasiões especiais, que, com o passar do tempo, tornam-se cotidianas. Em seguida, assume-se travesti e muda o nome no registro civil: Lina Pereira dos Santos, que se “turbina” com duas maravilhosas próteses de silicone nos seios para combinar com o seu “pau-de-mulher”<sup>6</sup>. Musicalmente, Lina transgride a estética e a política do *funk*-carioca. Primeiramente, por mostrar-se e comportar-se como travesti, dentro dum gênero musical fortemente machista e LGBT+-fóbico. O seu envidescimento também está presente nas letras das canções. 3) Respeito à tradição. “Para saber quem eu sou, eu preciso saber de onde eu vim”, disse Lina (GNT, 2021). Apesar de não citar nomes que a influenciaram, Lina manifesta a sua ancestralidade, por exemplo, reconhecendo-se uma bixa-preta-travesty. Igualmente, ela altera o significado de palavras e cria neologismos<sup>7</sup>. O conceito “bixa-preta-travesty” traz uma longa

---

<sup>6</sup> Referência à letra da canção *Mulher*, de sua autoria.

<sup>7</sup> Como “atroz” (diferentemente de ator ou atriz), “paz” (enquanto plural de pau), “envidescer” (ato duma viada descer até o chão), “viada” (“viado” feminino), “rela-cionamento” (situação em que duas pessoas relam, esfregam-se, uma na outra), “bixa” (bicha muito afeminada).

história interseccional<sup>8</sup> de luta, de pessoas afeminadas de sexualidade-não-hétero (bixa), pertencentes ao povo-preto, que, além disso, são “guerreiras-travestis” (travesty). Na música, o seu respeito à tradição é mostrado quando ela não rotula a sua arte, evitando enrijecê-la e, ao mesmo tempo, reconhecendo a alteridade das demais. De igual maneira, retirou o “MC” do seu nome artístico, por atribuí-lo ao *rap* e identificar-se mais com o *funk*-carioca. Ela também mostra respeito à tradição musical, quando, ao não se considerar cantora, mantém o seu canto rítmico, quando interage com outras cantoras, deixando as partes com mais movimentos melódicos para elas<sup>9</sup> (REVISTA TRIP, 2017).

4) Simpatia. Lina diz ter inventado Linn para colocar sentimentos reprimidos para fora de si, e que acabou confundindo-se com ela. A isso ela dá o nome de “força-da-farsa”, grandemente reforçada pelo mercado do entretenimento:

A Linn da Quebrada se tornou uma projeção muito maior do que eu. (...) Eu me senti sufocada. Eu senti, em determinado momento, que eu estava cercada de pessoas, e que todas me olhavam, mas não me viam. (...) É um espetáculo da marginalização. (...) Eu entrei numa disputa com a Linn da Quebrada. (...) Eu precisei me perguntar: “Quem sou eu?”. Na maioria dos programas, as pessoas vinham com as mesmas perguntas. (...) O mercado tenta nos capturar, nos transformar num produto, para nos vender (...). E, quando eu sinto que voltam as mesmas perguntas para nós, (...) isso nos mantém nos mesmos lugares. (...) Você passa a representar a si mesma. (GNT, 2021)

Lina finaliza dizendo que tinha ganho a “disputa” com Linn, e que, desde então, tornara-se uma pessoa mais amável e carinhosa na intimidade:

(Entrevistadora) Quando a gente se sente mais protegida, a gente tem a oportunidade de ser mais amorosa, de talvez liberar essa outra...  
(Lina) Frequência. Ser frágil (...) No meu primeiro álbum eu gritei, eu esbravejei. Eu inventei a Linn da Quebrada pra que eu pudesse ter força, (...) para que eu pudesse, sim, ser corajosa.

Mesmo quando a personagem confundia-se com a pessoa, sua agenda de shows aumentava progressivamente, assim como os convites para filmagens e entrevistas, o que demonstra que, mesmo em sofrimento, ela parecia conseguir separar as duas personas, pelo menos por um tempo. 5) Propaganda. O público parecia ter “comprado” essa personagem “zangada” que o mercado fortificou. Como essa dinâmica gerava lucros também para si, Lina esforçou-se em promovê-la, mesmo ciente dos riscos emocionais, o que acabou gerando a

<sup>8</sup> Segundo a socióloga Flávia Rios, a “interseccionalidade” trata-se da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação (Nexo 2020).

<sup>9</sup> Como acontece em *Oração*, com a cantora Liniker.

crise de personalidade mencionada, onde ela tentou adaptar-se ao *mainstream* para manter o seu novo padrão de vida material. Contudo, essa adaptação parece não ter acontecido, em virtude duma depressão, que a fez internar-se e suspender todas as suas atividades profissionais (Terra, 2024). Lembremos que essa crise iniciou-se com o excesso de entrevistas dadas, onde Lina percebeu a tentativa de manipulação mercadológica através de perguntas repetidas. É importante frisar que essas entrevistas só aconteceram devido ao crescente sucesso de Linn da Quebrada tanto nos palcos quanto nas telas.

6) Validação. Ao inventar Linn da Quebrada, Lina Pereira consegue inverter a condição de subalternidade dada pelos marcadores “bixa”, “preta” e “travesti”, tornando essa personagem um mito para as pessoas-LGBT+ e pretas. Isso foi percebido pela quantidade de visualizações, *downloads* e *streams* dos seus vídeo-clipes e canções, o que gerou o crescente número de convites para entrevistas, shows e papéis cênicos. 7) Foco no público. Apesar de Linn da Quebrada ter surgido para externar o sofrimento de Lina, com a adesão do público à sua arte, ela passa, também, a atendê-lo. Esse relacionamento entre Lina e o público gerou significativas benfeitorias econômicas para si, motivando a interpretação de Linn da Quebrada inclusivamente em sua vida íntima, o que causou a crise de personalidade exposta acima. Contudo, mesmo em sofrimento, Lina não abandonou o mercado da música nem seu público, possivelmente motivada pela nova condição sócio-econômica trazida desse relacionamento (MARIE, 2022). Quando ela agradece à música a possibilidade de dar uma vida material mais confortável à sua mãe; por poder conhecer mais de quinze países; por ela própria viver mais confortavelmente; ela agradece, também, o público: “Quando eu, sequer, imaginei que as pessoas quisessem me ouvir?” (GNT, 2021). 8) Ativismo. Assim como Pabullo Vittar, Linn da Quebrada diferenciou-se de outras artistas renomadas por seu ativismo. Ser uma bixa-preta-travesty que se expressa muito bem, principalmente nas letras das canções, sem perder o *timing* e a *vibe* do show, que “desce” e faz o público “descer até o chão”, e ainda consegue ser carismática e simpática fora dos palcos, certamente favoreceu o sucesso de Linn da Quebrada, mesmo à custa da saúde mental de Lina.

## Conclusões

A possibilidade de ascensão sócio-econômica que a música dá – assim como o esporte e outras manifestações artísticas – leva muitas crianças e jovens da periferia a sonharem com o estrelato. Foi isso o que aconteceu a Phabullo Rodrigues da Silva e Lino Pereira dos Santos, nascidos e criados em bairros pobres do Brasil. Através da arte, os

“viadinhos-pretos e pobres” conseguiram não só se expressarem como também construíram um patrimônio material dificilmente alcançado pelas pessoas das comunidades de onde vieram. Como artistas, conseguiram ser aceitas e valorizadas enquanto pessoas não-heterossexuais, negras e transsexuais – no caso de Lina. E, por mais que desejassem protestar contra o “inimigo” *mainstream*, era suposto que precisassem “dormir” com ele para alcançarem o sucesso almejado. Isso parece ter sido tranquilo para Phabullo, que sentia prazer com a consciente objetificação da imagem do seu corpo – apesar de ter sido criticado por isso –, mas não para Lina, cuja personagem Linn da Quebrada parecia discordar daquela aliança com o mercado. Enquanto o ativismo de Pabullo Vittar dava-se através da sua técnica vocal e da interação sensual com ícones da música-sertaneja e do *rap*, o de Linn da Quebrada acontecia através de versos e coreografias “enviadescidas”, onde ela aparentava “agredir” seus objetos de desejo. Sua “zanga” em palco parecia acalmá-la na vida íntima, inclusivamente revelando uma faceta amorosa desconhecida.

Tudo parecia estar sob controle, especialmente pela satisfação emocional que os bens materiais davam-lhe, quando uma forte depressão derruba a poderosa bixa-preta-travesty, revelando os perigos da “força-da-farsa”. É interessante ver as formas como diferentes artistas relacionam-se com a indústria e o mercado da música e como, para algumas delas, esse relacionamento é “prazeroso” enquanto para outras não. Essa dicotomia ficou clara no caso de Pabullo Vittar e Linn da Quebrada. Apesar de ambas serem artistas-ativistas que protestavam, cada qual a seu jeito, contra o que julgavam incorreto, o ator Phabullo parecia satisfeito com os resultados alcançados pela personagem Pabullo, tanto em sua vida pessoal quanto profissional, aparentemente conseguindo separar, desde o início da sua carreira, suas duas personas. Infelizmente, Lina não teve a mesma sorte, confundindo a atriz com a personagem em alguns momentos da vida, o que lhe gerou muito sofrimento. Mas, o que fica de positivo nas suas histórias é a coragem que tiveram em tentar superar as condições adversas com que nasceram e cresceram. Além disso, é louvável a forma como partilharam publicamente suas vidas, com tudo o que havia de bom e mau, de espetacular e ordinário, servindo de motivação para muitas “jovens-bixas-pretas-pobres” fazerem o mesmo, “enviadescendo” o mercado da música e ampliando os seus territórios através dos seus “terrorismos-de-gênero”.

## Referências

- ADORNOCINEMA. Linn da Quebrada. N.d. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-807883/> Acesso em: 30 Maio 2024.
- ANDERSON. S. The Life and Times of Pablllo Vittar. In *VMagazine*. 2019. Disponível em: <https://vmagazine.com/article/the-life-and-times-of-pablllo-vittar/> Acesso em: 30 Maio 2024.
- AVELINO, Y. De “Open Bar” a “111 Deluxe”: a trajetória musical de Pablllo Vittar. In *.tracklist*. 2020. Disponível em: <https://tracklist.com.br/pablllo-vittar-111-deluxe/93234>. Acesso em: 30 Maio 2024.
- BUTLER, J. *Corpos que importam. Os limites discursivos do “sexo”*. Crocodilo edições. [recurso eletrônico]. São Paulo. 2019.
- CHAIA, M. Artivismo, política e arte hoje. *Revista Aurora*, n.1, p.9-11, 2007.
- EIRAS. Y. Pablllo Vittar: “Um artista não quer seus fãs morrendo e apanhando”. In *Vice.com*. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/yw9qew/pablllo-vittar-nao-para-nao-um-artista-nao-quer-seus-fas-morrendo-e-apanhando> Acesso em: 30 Maio 2024.
- ELER. G. O que é o pajubá, a linguagem criada pela comunidade LGBT. In *Super Interessante*. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt> Acesso em: 30 Maio 2024.
- FINCO. N. Pablllo Vittar: tem drag no samba. In *Época*. 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/02/pablllo-vittar-tem-drag-no-samba.html> Acesso em: 30 Maio 2024.
- GNT. Linn da Quebrada fala sobre as várias personagens que criamos para nos proteger. In *Mini Saia*. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KnKxTgPaiLE> Acesso em: 30 Maio 2024.
- GSHOW. Pablllo Vittar se emociona ao lembrar bullying na infância: “Foi muito difícil”. In *Altas Horas*. 2018. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/altas-horas/noticia/pablllo-vittar-se-emociona-ao-lembrar-bullying-na-infancia-foi-muito-dificil.ghtml> Acesso em: 30 Maio 2024.
- HMC, P. *Um livro para ser entendido* / Pedro HMC. - 1. ed. - São Paulo : Planeta. 2016.
- JENKS, C. *Transgression*. Routledge. New York and London. 2003.
- LEMOS, A. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*. V2, n.2, p.155-166, jul/dez. 2010.
- LEMOS, A. *Ciber-cultura-remix*. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005.
- LIU. B. Pablllo Vittar comemora conquistas da carreira e reflete: “Quero ir além com minha arte”. In *Marie Claire*. 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2023/08/pablllo-vittar-sobre-afastamento-de-redes-sociais-nao-descarto-a-possibilidade.ghtml> Acesso em: 30 Maio 2024.
- MARIE CLAIRE. Linn da Quebrada fala de retorno ao palco no Rock in Rio: “Faço política”. 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2022/09/linn-da-quebrada-fala-de-retorno-ao-palco-no-rock-rio-faco-politica.html> Acesso em: 30 Maio 2024.
- MORAIS. P. O corpo de J. Mombaça é um manifesto. In *Público*. 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/07/15/culturaipsilon/noticia/pode-um-cu-mestico-falar-1836567> Acesso em: 30 Maio 2024.

NEXO JORNAL. O que é interseccionalidade e qual sua importância para a questão racial? In *Nexo Políticas Públicas*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PVO4CQVIPPE>. Acesso em: 30 Maio 2024.

PEIXOTO. M. Pablo Vittar canta bem? Professores de canto avaliam voz da drag queen. In *Ual.com.br*. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2018/01/08/noticias-musica,219577/pablo-vittar-canta-bem-professores-de-canto-avaliam-voz-da-drag-queen.shtml> Acesso em: 30 Maio 2024.

SONTAG. S. *Notes on Camp*. Penguin Modern Classics. Versão eletrônica. 2018.

REVISTA TRIP. Eu gosto mesmo é das bicha. In *Facebook*. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=10154099441901238> Acesso em: 30 Maio 2024.

RIZZO. L. Linn da Quebrada: “Nós travestis não podemos nos dar ao luxo de sentir medo. Senão, não sairíamos de casa”. In *Marie Claire*. 2019. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/linn-da-quebrada-nos-travestis-nao-podemos-nos-dar-ao-luxo-de-sentir-medo-senao-nao-sairiamos-de-casa.html> Acesso em: 30 Maio 2024.

ROCHA. R. e POSTIGUEL. D. K.O. O nocaute remix da drag Pablo Vittar. In *Artivismos Musicais de Gênero: bandivas, travestis, gays, trans, não-binárias*. Rose de Melo Rocha (Organizadora). 1º edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2021. p.53-72.

ROCHA. R. e POSTIGUEL. D. K.O. O nocaute remix da drag Pablo Vittar. In *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba – PR – 04 a 09/09/2017. p.1-15. 2017.

ROLLINGSTONE BRASIL. Clipe de Pablo Vittar é retirado do ar devido a problemas jurídicos envolvendo Rico Dalasam. 2017. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/clipe-de-pablo-vittar-e-retirado-do-ar-devido-problemas-juridicos-com-rico-dalasang/> Acesso em: 30 Maio 2024.

TERRA. Linn da Quebrada é internada em clínica após se afastar dos palcos para tratar depressão. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/linn-da-quebrada-e-internada-em-clinica-apos-se-afastar-dos-palcos-para-tratar-depressao.a0d22043d1f9c7d9916d2efaa368b42bwj3t3bvq.html> Acesso em: 30 Jun. 2024.

TIDAL BRASIL. In *Instagram*. Disponível em: [https://www.instagram.com/tidal\\_brasil/reel/C2S122cPdaP/?hl=ko](https://www.instagram.com/tidal_brasil/reel/C2S122cPdaP/?hl=ko) Acesso em: 30 Maio 2024.

TORRES, L. Entrevista: Pablo Vittar fala sobre álbum novo, parceria com Diplo, clipes e início da produção do próximo disco. In *Popline*. 2017. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/entrevista-pablo-vittar-fala-sobre-album-novo-parceria-com-diplo-clipes-e-inicio-da-producao-do-proximo-disco/> Acesso em: 30 Maio 2024.